

A POMBA E O GAVIÃO

José Antônio de Ávila Sacramento

Gaviões são aves falconiformes, altivas, fortes, dotadas de excepcionais ações predatórias e que exercem total controle sobre o território onde habitam; medem até mais de 90 cm e a envergadura delas pode chegar a quase dois metros. Já as pombas são aves columbiformes e medem não mais de 40 cm.

Desde a antiguidade egípcia, o deus Hórus era representado por um homem com cabeça de gavião, o símbolo da força e do poder, e no Brasil, o termo “gavião” também é popularmente usado para identificar um potencial namorador, conquistador ou sedutor.

Já as pombas sempre foram o símbolo da pureza, da simplicidade, da paz, harmonia e esperança; com o Novo Testamento, acabaram por representar o Espírito Santo; também indicam aquilo que é feminino, e como tal, as imagens das pombas possuem conotação erótica: o vocábulo carrega forte identidade com o órgão sexual feminino.

A Esopo, moralista e fabulista mais lendário do que histórico, atribui-se a fábula do gavião e das pombas: perseguidas, elas julgaram conveniente valer-se da ilusória proteção oferecida pelo gavião; acordo feito, aos poucos, o malvado gavião foi devorando prazerosamente a todas elas bem dentro dos limites dos pombais; então, sem qualquer defesa frente ao desapiedado inimigo, a última das pombas argumentou: padecemos quase todas, mas quem nos mandou ser inocentes e aceitar qualquer protetor? Todas as fábulas que se prezem contêm grandes ensinamentos e o que fica evidente é que devemos dispensar certas ajudas, especialmente quando, por debaixo de uma aparência de bondade, elas se manifestam perversas e, então, a proteção nos custa caro. Esta fábula já foi também atribuída a Fedro, que viveu na época dos imperadores Tibério e Calígula, nos primeiros séculos da era cristã; foi ele quem aprimorou estilisticamente a obra de Esopo e esta fábula, deixando evidente que se não quisermos ser enganados, devemos observar em quem confiamos e com quem celebramos acordos.

Falando da mineira São João del-Rei, sabemos que a Capela de Nossa Senhora das Dores é parte integrante da Santa Casa da Misericórdia, daí ser conhecida popularmente como Capela da Santa Casa. O templo foi inaugurado com a bênção do Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho, em 03 de março de 1918. É uma construção diferenciada das outras igrejas da cidade. Foi concebida em estilo neogótico, onde se sobressaem ogivas e pináculos, apresentando janelas ogivais no campanário, fechadas por venezianas, sugerindo-nos um ambiente de clausura; dentro daquela torre estão depositados dois sinos que restaram d’uma capela primitiva, inaugurada em 1784, e que ruiu em 1913.

Parece que engambelei bem os leitores do *Jornal de Minas*¹ com essa lenga-lenga de gaviões, pombas, fabulistas e descrição de uma capela; se o fiz, foi para chegar até onde eu queria: lá pelo final do ano de 1958, um episódio envolvendo um gavião e uma pombinha deu pasto para muitos comentários em São João del-Rei. O acontecimento obteve repercussão nacional através de matéria veiculada na extinta revista *O Cruzeiro*, páginas 106 e 107 da edição de 20 de dezembro de 1958, conforme o texto de David Nasser²:

Uma pombinha branca estava pousada em cima do pára-raios, sobre a cruz da capela da Santa Casa, na velha cidade de São João del-Rei. Lá no alto da torre, a pombinha se imaginava a salvo e descansava em paz. Da rua, um homem, o lojista José Costa – foi quem me descreveu a cena real e a fotografou – teve a sua atenção despertada para a avezinha, ponto negro encimando a lança voltada para o céu muito azul da antiga cidade do ouro. As pombas – ficou pensando – são como o povo. Inocentes, sempre de boa-fé, sempre se deixando levar pela tranquilidade, mensageiras que são da esperança. De repente, aparece uma ave de rapina e zás! Nem que ele tivesse o dom de adivinhar. Naquele mesmo minuto, um gavião aparece de trás do telhado de um pardieiro e o seu vôo pesado e harmonioso corta o espaço que o separa da cruz da torre. Ele veio desvairado, quase louco, tonto de fome, atiçado pela volúpia, para agarrar a pombinha indefesa e comê-la, com a violência dos fortes contra os fracos – descreveria o dono da ourivesaria a cena que os seus olhos aturcidos presenciaram no largo de S. João del-Rei. No momento em que descia para apanhá-la, certo como uma flecha, ela passou-lhe uma rasteira no espaço, um “dribling” no céu, e o gavião, na velocidade incauta dos dominadores e dos opressores, encontrou pela frente a ponta do pára-raios e nela enfiou o peito. Durante horas, o povo de São João del-Rei, entre alegre e penalizado, assistiu ao bater de asas de agonia, uma agonia negra que se contorcia lá em cima, no espaço azul e sobre a cruz da torre. Era o gavião que esperneava contra a morte, tentando arrancar-se da lança do pára-raios. Até que os sons quase humanos que se espalhavam pelo telhado se deixaram de ouvir e ele lá ficou, morto, balançando-se ao vento num lamentável e ridículo fim de aventura. Exibindo as suas penas pelo ar, lá ficou no alto da torre, como um exemplo sarcástico. Seco do sol, molhado da chuva, nem os urubus desceram para comê-lo. Nem as formigas podiam subir para devorá-lo, humilde e pacientemente, dentro de sua fome pequenina. Só as outras pombinhas – conta-me o José Costa, o ourives – se espantavam com o aspecto hediondo e fantástico daquele vulto estranho, preso ao pára-raios, como uma

¹ Versão reduzida deste texto foi publicada originalmente no *Jornal de Minas* – São João del-Rei- MG, ano XII, edição nº 182, de 13 a 19/07/2012, pág. 2. Em 26/07/ 2012, também comentei sobre o assunto em entrevista ao radialista Geraldo José dos Santos (programa “Jornal das 10”, veiculado pela Rádio São João del-Rei AM-970).

² David Nasser foi jornalista e escritor. Nasceu em Jaú - SP, em 01/01/1917 e faleceu no Rio de Janeiro – RJ, em 10/12/1980. Foi também compositor de grandes sucessos. Em fins da década de 1940 e durante a de 1950, ao lado de Jean Manzon, tornou-se um dos mais famosos repórteres e articulistas políticos da importante revista *O Cruzeiro*, publicação dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

bandeira de penas, uma espécie de símbolo irreal, parado, fixo, verdadeiro espantalho. E ele lá ficou, desagregando-se ao sabor dos ventos e das tempestades, porque ninguém podia subir até a ponta da torre, até o pára-raios fincado na cruz da capela, ninguém podia ir até lá para libertar o cadáver do gavião. Só de helicóptero. E ele lá ficou, o gavião, horas a fio, noites e noites, dias e dias, surgindo todas as manhãs no mesmo lugar, até ir se decompondo, embalsamado pelo ar, diminuindo aos poucos, até se transformar num franguinho negro, perdido lá em cima, perdido entre as nuvens. As beatas passavam a caminho da igrejinha e se persignavam, dizendo que aquilo era um exemplo sobre a cruz. Quem ainda não o viu, que o veja. Está lá em cima e ficará, preso ao seu destino, até que o tempo o devore. Dizem as más línguas que aquele gavião negro espetado no pára-raios não passa de um símbolo, na terra das lendas, justamente em Minas Gerais, justamente, sim, em Minas Gerais. Dizem que ele representa o fim de todos os aventureiros do espaço que se lançam contra as pombas-rolas inocentes que adejam por aí a sua candidez. Um dia, na volúpia do golpe o audacioso não calcula bem o vôo, nem a velocidade, nem a distância e vai se espetar contra a ponta da lança que o acaso pusera ali, bem à sua frente. Logo, as suas penas, o seu corpo, o seu vulto, a sua silhueta, tal qual uma advertência, ficarão lá em cima, em lugar inacessível às formigas e aos corvos, desagregando-se lentamente, sumindo, sumindo. O exemplo do gavião morto no alto da cruz, na lança do pára-raios, deveria servir ao homem público brasileiro, que brinca sinistramente com a pombinha inocente, a ave que nunca reclama, que é a sua presa, a sua vítima, o seu repasto...

O certo é que o acidente ocorrido naquele conjunto da cruz e pára-raios instalado e abençoado no dia 21 de fevereiro de 1917, não foi uma fábula são-joanense; o fato aconteceu, de verdade. Tanto é que o episódio gerou comoção e uma série de interpretações com comentários favoráveis e desfavoráveis ao comportamento de cada uma das aves envolvidas no que se passou no pináculo da torre neogótica que projetada por Rosino Baccarini. Além disso, o acontecimento serviu para que David Nasser, como numa moderna reencarnação de Esopo, de Fedro ou de La Fontaine, desse o seu ácido recado contra a inoperabilidade política dos governantes e em favor do povo; dentre outras coisas, ele aproveitou para criticar a ganância dos poderosos, bradar contra a elevação do custo de vida, criticar os políticos da época e apontar defeitos na política salarial:

Gaviões existem nos parlamentos, inventando leis de opróbrio que, em qualquer outra nação, significariam a perda de um regime. (...) Até aqui tem sido tudo assim: o povo tem sido a pomba no alto da cruz da igreja, na ponta do pára-raios. (...) Gaviões existem nesses departamentos fiscalizadores de mentira. Criam medidas enérgicas para que da prepotência e da dureza ocasional obtenham facilidade, resultados práticos, num enriquecimento ilícito e criminoso. (...) Não há um dia em que algo não suba. Alta nos transportes, na gasolina, nos pneus, no leite no pão, na carne, no feijão, em tudo que afeta o espremido orçamento doméstico, direta ou indiretamente. (...) No Brasil, os aumentos orçam,

barbaramente, entre 1.000% e 2.000%. O papel do Governo, a sua função exclusiva é aumentar os preços, elevar o custo de vida (...).

E David Nasser, que ralhava como se estivesse a sentir na própria pele a angústia do povo brasileiro, assim terminou a crítica ao sistema:

Ah, a pomba feliz e mansa que é este povo, unguido de ternura, talhado em paciência, curtido de privações, mas sempre alegre, a pomba feliz descansa, qual um símbolo, em cima do pára-raios, em cima da cruz. O gavião se aproxima, feroz e dominador, tal qual já o fizera antes com outras aves indefesas. Um movimento de corpo, um leve agitar de plumagem, e o gavião, driblado pela primeira vez, irá enterrar o peito contra a lança fatal. E lá ficará, inerte, espetado como um “galetto al primo canto” no espaço, as penas se desgrudando ao vento, a carcaça se molhando à chuva, secando-se ao sol, sem que as formigas subam para comê-lo, sem que os urubus desçam para acabá-lo de vez. Ficarà como um espantalho, para dizer que assim morrem os gaviões incautos, as aves de rapina, os governos incapazes, os poderosos que, debaixo deles, não vêem algo mais importante, que é a dignidade da vida – a vida alheia que, para os gaviões que voam pelo céu azul, é tão sem importância como uma pombinha branca numa cruz de capela.

Eu, enquanto menino, lá pelo final da década de 1960, ainda ouvia vários comentários a respeito deste episódio (e de outras histórias) na sempre bem frequentada varanda da casa de minha avó, a “Siá Donana”, na esquina da Rua Maria Teresa com a Avenida Tiradentes, de onde a Capela da Santa Casa se descortinava com muita clareza. Passados mais de dez anos do que tinha acontecido, meus tios maternos e os companheiros continuavam troçando do trágico acontecimento; a um amigo da nossa família, que dava ares com o ator americano Victor Mature (referência ao bonito astro de Hollywood, ator do filme “Sansão e Dalila”), caçoavam em tom ameaçador: olha, tome cuidado porque o destino de “gavião” que vive assediando as pombinhas indefesas desta cidade pode ser bem parecido com o que morreu espetado no pára-raios! Outras vezes, palpitavam jocosamente: esses “gaviões” são-joanenses, que circulam aí à moda de James Stewart ou Rock Hudson (outros atores americanos, finas estampas daquela época) poderão terminar os dias como o gavião, que se deu mal perseguindo a pombinha...

Fiquei sabendo que o acontecimento da torre rendeu grande movimentação de gente para ver e julgar a infeliz ave espetada lá no alto, a cerca de 40 metros de altura (aquela torre tem 38,25 metros, sem contar a cruz e o pára-raios!) e gerou lições de moral pela cidade afora; mães extremosas usavam o acontecimento para fabular e confabular com suas filhotas e, certamente, as aconselhavam: olha, como aquela pombinha buscou abrigo na igreja, você deve sempre fazer a mesma coisa! Estão vendo como Deus castiga quem é mau, ele castigou o malvado gavião? Observem como é que os desvalidos devem procurar o refúgio na Santa Madre Igreja! Presumo que o teor dos sermões de pais e mães para as mocinhas

casadoiras que iam para o “footing”, na então Avenida Rui Barbosa (que já foi Paissandu, Carneiro Felipe e agora é a Tancredo Neves), devia de ser mais ou menos assim: tomem cuidado: *o carcará é malvado, é valentão, pega, mata e come!*



Eis o gavião espetado no pára-raios da torre da Capela da Santa Casa da Misericórdia. Reprodução de imagem da revista O CRUZEIRO, Ano XXX, nº 10, Ed. de 20 de dezembro de 1958, p. 107 (acervo de Silvério Parada).



Vista panorâmica da região da Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei com a imagem do gavião preso ao pára-raios da Capela de Nossa Senhora das Dores.
Foto: reprodução do arquivo de Luiz Antônio Ferreira (Setec/UFSJ).



Capela da Santa Casa, sob nevoeiro, em 26 de maio de 2010
(Foto de José Antônio de Ávila Sacramento)